

Sonâmbula: Fumando o sono dos bons

*Porque eu, o mundo e a língua
somos um só
desentendimento*

Herberto Helder

Umas tantas gotas de vapor d'água coladas à vidraça. Olhando-as de fora, desde o jardim, seu nome é *Miragem* — o que já indica a possibilidade de algum equívoco. A vidraça tomada pelas gotículas, porém, quando vista de dentro, se chama *Suadinha*, o que lhe confere (ou a nós mesmos, ou à casa?) um certo caráter erótico. Mas veja bem, fique aqui por mais um pouco: as gotas não escorrem — estão, talvez, adormecidas.

Foi numa noite insone que escrevi: “As coisas são feitas de coisas que não são propriamente coisas”. Os trabalhos apresentados em *Sonâmbula* evidenciam um interesse agudo de Flora Leite pelos limites entre aquilo que se constitui como matéria, assunto, objeto, *coisa*, e aquilo que permanece incógnito, intocado. A atenção a essas fronteiras se revela sobretudo nas operações poéticas pelas quais a artista nomeia suas obras. A *Chaminé*, torre feita por inúmeros Marlboros empilhados que ocupa a laje da casa, é também a reiteração da expressão hiperbólica “fumar como uma chaminé”. Os cigarros, porém, estão apagados, e não há fumaça.

O sonâmbulo, em plena madrugada, como num gesto de paralelismo entre o dia e a noite, reitera o que fez tantas vezes quando acordado: Fuma um cigarro apagado. Varre o chão. Sobe e desce as escadas. Come os restos do jantar. Reparte um pão. Em espasmos, sem razão, objetivo ou eficácia, o sonâmbulo se repete: em seus atos há algo do dia que segue vazando, escorrendo num movimento cego pela noite.

“A metáfora é definida em termos de movimento”¹, disse Paul Ricoeur. Isso porque, na metáfora, ocorre uma translação de sentidos, como indica sua etimologia (do grego, *metaphorá*: mudança, transposição). Ao chamar de *Remela* a gota d'água que resvala na parede da casa, Flora Leite lança seu trabalho ao território da poesia, onde a

¹ Paul Ricoeur. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. Trad. Dion Davi Macedo. (p. 30)

correspondência entre elementos que, por mais semelhantes, sempre serão algo díspares, produz uma espécie de mobilização mútua: um termo anima o outro, sem que seja preciso eliminar a assimetria entre eles. A gota d'água é e não é a *Remela*, e a *Remela* é e não é a gota d'água, mas é esse espaço entre os dois termos, essa espécie de equívoco motivado, essa correspondência quase embaraçosa, o que parece interessar à artista — e é nesse espaço que a imaginação poética atua, fazendo a passagem de um elemento ao outro, tornando “isso” “n’aquilo” sem desfazer a perplexidade que essa transposição implica.

Em *Alguma coisa, coisa nenhuma*, a poeira recolhida pela artista na montagem da exposição forma uma via láctea no piso da casa. Aqui também ocorre um deslocamento: como se invertesse a célebre frase “Somos todos poeira de estrelas”, a artista compõe, no chão, uma galáxia feita dos nossos restos.

Esse movimento de trazer o alto para baixo se repete em *Celeste*, trabalho composto por um aparelho óptico em forma de tubo que capta a luz atmosférica e a projeta no chão acinzentado da casa. “Como é possível ver o céu/ se o céu não tem superfície?”, escreveu a poeta Laura Liuzzi em *Poema do desaparecimento*². Flora Leite constrói, nos fazendo olhar para o alto e para baixo ao mesmo tempo, esse mecanismo de afunilamento do céu, oferecendo-lhe um anteparo, um lugar onde pousar seu azul. Olhar para o alto e para baixo ao mesmo tempo. Fazer metáforas também é ver duas coisas em uma só. Mas, em *Celeste*, lidamos com uma outra figura de linguagem: a do paradoxo que é encontrar, nesse pequeno círculo de luz azul projetado aos nossos pés, uma espécie de síntese do céu.

Mas voltemos ao sonambulismo, pois ele também condensa dois estados em um só termo: o movimento e o repouso. Assim é também *Núcleo, magma, crosta*, em que o pão habita tanto as entranhas da casa quanto seu elevador, que sobe e desce. Descansa, mas está também em movimento. O pão de Flora Leite é planeta rochoso errando feito sonâmbulo numa órbita linear e despropositada, mas é também miolo de pão dormido, ventilando com suas bolhas a estrutura da casa, trazendo o fora para dentro.

O sentido das coisas nunca é estanque — e tampouco são estanques as próprias coisas. Como disse Galileu, “talvez nada mais antigo na natureza que o movimento”³. A atenção de Flora Leite reside no próprio deslizamento entre o que é quase nada e o que é

² Laura Liuzzi. *Poema do desaparecimento*. São Paulo: Círculo de poemas, 2024. (p. 67)

³ Galileu Galilei. “Quatro textos de Galileu”. In: *Trans/Form/Ação*. São Paulo: UNESP, 1980. Trad. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento.

alguma coisa. A poeira, o pedaço de pão, o vapor, a gota, a luz: em *Sonâmbula*, essas partículas elementares da vida são capturadas pela artista e aplicadas a formulações poéticas que produzem uma *diferença reiterativa*. As gotas de vapor não são só o equívoco provocado pela hesitação poética de seu nome duplo — *Suadinha*, *Miragem*: são também a matéria que se cola à superfície sólida e toma forma antes de desaparecer.

A despeito da aparência de sutileza absoluta, aqui tudo ocorre de maneira muitíssimo sedutora, já que essas partículas elementares (ou essas coisas que não são propriamente coisas) parecem sussurrar em uníssono: sou o que sou, mas sou também o que a linguagem fizer de mim. O sonâmbulo, em seus gestos residuais, é a própria estrutura da linguagem que, através desse corpo autômato, segue se refletindo descontroladamente.

Algo escorre entre os domínios do sono e do despertar, e desse gotejamento podem emergir aquilo que Anne Carson chamou de as “belas sentenças do sono”⁴. Hoje, quando acordei, lembrei que peguei no sono com a *Chaminé* de Flora Leite. Quando tomava café, eu ainda um pouco pão dormido, me veio esta frase, este equívoco: “fumei o sono dos bons”.

⁴ Anne Carson. *Ensaio sobre aquilo em que eu mais penso*. São Paulo: Editora 34, 2023. Trad. Sofia Nestrovski. (p. 115)